

tigadora, traduzida no domínio das técnicas de pesquisa, da crítica histórica e na facilidade de transmissão escrita dos resultados obtidos.

J. Marques

GOUVEA, António de - *Ásia Extrema, Primeira Parte, Livro I*. Edição, Introd. e Notas de Horácio Araújo. Lisboa: Fundação Oriente, 1995.

Vários anos terão ainda de passar, certamente, até que os historiadores e orientistas tirem todos os ensinamentos da *Ásia Extrema* de António de Gouvea. Quer quanto às relações de Portugal com a China, quer quanto às vicissitudes do Cristianismo no Império do Meio, quer ainda no que toca à descrição seiscentista da própria China, o texto que agora é dado à estampa abre perspectivas novas em todas essas áreas do conhecimento. A circunstância de se tratar de um texto português reforça o nosso prestígio como nação que deu uma dinâmica ao diálogo entre civilizações, que marcaria o mundo moderno.

A sinologia, como ramo científico do saber e tal como é hoje definida, assenta em larga medida nos contactos luso-chineses desde os começos do séc. XVI, e nos textos fundamentais que daí resultaram. Com efeito, a sinologia nasce com a chegada dos portugueses ao Império do Meio, alicerça-se com o surgimento de Macau em meados do século, e firma-se definitivamente com a chegada dos Jesuítas no último quartel da mesma centúria.

Está de parabéns o Doutor Horácio Araújo, não só pela iniciativa de «pegar» no texto extenso de António de Gouvea, mas sobretudo pelo rigor e qualidade que soube pôr no seu trabalho. Muito útil é a leitura do capítulo «contextualização histórico-cultural», pois aí se dá conta dos antecedentes de variada natureza, que nos situam na época em que Gouvea escreveu.

O Doutor Horácio Araújo dá-nos uma cuidada síntese dos historiadores, viajantes, aventureiros que deixaram escritas as suas impressões sobre a China, até meados do século XVII. Tenha-se presente que durante o «século franciscano» - meados do século XIII a meados do séc. XIV - houve uma considerável produção literária sobre a China, o mais conhecido dos autores sendo Marco Polo. Mas pela atitude mental ainda fortemente imbuída dos preconceitos medievais em relação ao fantasmagórico Oriente, os seus escritos, com todo o valor que têm, não vão para além de uma proto-sinologia. Ao termo desse século franciscano, seguiu-se um longo silêncio de cerca de 150 anos até à época em que o primeiro português, Jorge Álvares, em 1513, pôs pé em território chinês. Ao iniciar-se aí um novo ciclo nos contactos entre o Ocidente e a China, era ténue, para não dizer esquecida, a memória daqueles contactos dos séc. XIII e XIV. A isto acrescia a dificuldade, só desaparecida com a viagem de Bento de Góis no séc. XVII, de a Europa de então considerar como entidades distintas o Cataio e a velha Seres.

O Doutor Horácio Araújo informa-nos no capítulo seguinte sobre o que se sabe acerca do autor da *Ásia Extrema* e da sua obra. Arruma de forma muito útil para os estudiosos, o que antes, inevitavelmente, estava disperso em livros e artigos; e inova, naturalmente, no que toca à estrutura da *Ásia Extrema* e às fontes, ocidentais

e chinesas, em que António de Gouvea se apoiou para escrever. É o próprio Gouvea que nos diz que «alcancei por mercê de Deos e continuo estudo, ler pellas cronicas sinicas como pelas portuguezas».

Finalmente, no capítulo «Introdução textológica», o Doutor Horácio Araújo explana com o cuidado exigido o método que seguiu no tratamento e transcrição do texto, com base nos manuscritos de Lisboa, Madrid e Roma.

Na segunda parte do livro, temos o texto de António de Gouvea, na parte que diz respeito à História da China. Para futuros volumes ficarão as páginas restantes referentes exclusivamente à missão.

A concluir, resta formular votos de que o Doutor Horácio Araújo consiga levar a bom termo a obra a que meteu ombros. Não lhe faltam as qualidades para tal, como fica sobejamente provado por este primeiro volume; que não lhe faltem também a vontade e os meios, é o que confiadamente se espera. Ficará então de parabéns também o orientalismo português, com tão valioso contributo para a História do milenar diálogo entre o Ocidente e o Oriente.

João de Deus Ramos

Primeiro Embaixador de Portugal em Pequim, depois do 25 de Abril; Administrador da Fundação Oriente; Membro da Academia Portuguesa da História

OLIVEIRA, Samuel de Bastos - *O Processo de Frei Simão de Vasconcelos e da sua guerrilha*. Oliveira de Azeméis, 1996.

O livro coloca-nos no contexto das lutas liberais. Foca — tal como o título enuncia — o processo de condenação de Fr. Simão de Vasconcelos e da sua guerrilha, baseando-se o autor num manuscrito actualmente existente na Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira.

As primeiras páginas do livro relatam (exagerando nos pormenores?!) o modo como o manuscrito foi encontrado.

Seguem-se referências biográficas a Frei Simão, natural do concelho de Oliveira de Azeméis, nascido em 1788, religioso cisterciense em Alcobaça, autorizado depois à secularização mantendo-se monge, a partir de 1832 chefe de guerrilha.

Entusiasta da causa liberal, o monge secularizado conheceria várias cadeias, entremeadas com fugas temporariamente bem sucedidas.

O julgamento definitivo de Fr. Simão de Vasconcelos ocorreria a 16 de Outubro de 1832. Os miguelistas, através de uma *Comissão Mista*, condenaram-no, a ele e a mais seis companheiros, ao fuzilamento, que se verificaria no dia seguinte, 17 de Outubro.

Descrevendo a biografia de Fr. Simão, o autor acrescenta notícias sobre o contexto histórico da época, marcada pelos conflitos de incerto desfecho entre miguelistas e liberais.

Da guerrilha de Fr. Simão escarpelizam-se-lhe nesta obra os componentes, a acção, a organização, as acusações que recebe...

O livro vale sobretudo por fazer chegar ao grande público a transcrição d'«O processo de condenação de Fr. Simão de Vasconcelos e da sua guerrilha», assim como de outros documentos ao mencionado processo atinentes.